

Raça, Ambigüidade e Demografia: Uma defesa de Gilberto Freyre

Roberto M. C. Motta

Ex-diretor do Departamento de História Social do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais; professor de Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco e da Universidade Católica de Pernambuco; Mestre em Ciências Sociais (M. S. S.) pelo Instituto de Estudos Sociais, Haia, Holanda; Course de doutorado em Antropologia pela Universidade de Columbia, Nova Iorque.

Há muito para encher de alegria o coração de um brasileiro no modo como o Professor Marvin Harris encara as relações raciais no Brasil. Ainda mais, se acontece que esse brasileiro, aluno de Gilberto Freyre, está acostumado a olhar seu país pela perspectiva de *Casa-Grande & Senzala*.

O brasileiro se espanta de encontrar confirmação das teses de Gilberto Freyre em terreno tão inesperado. Se for também estudioso de antropologia, a alegria é dupla. Pois aí ele encontra um exemplo claro, provando como nunca se deve desesperar da antropologia por causa dos pontos de vistas sempre em conflito das diferentes autoridades. O Professor Marvin Harris, tão "materialista", confirma a partir de suas próprias orientações de teoria e de pesquisa, o que Gilberto Freyre, bem conhecido pela atenção que presta a *ethos* ou a causas "éticas", vem dizendo nos últimos 40 anos.

Para que este preâmbulo não pareça infiel às posições dos dois autores, vamos fazer umas citações. "É incor-

reto dizer que a identidade racial, no Brasil, depende da aparência ou das atividades das pessoas, pois a percepção da aparência e da atividade parece influenciada por fatores obscuros ou mesmo invisíveis. Assim, tem sido abundantemente observado que a identificação racial é afetada consideravelmente pelo "status" educacional e econômico tanto do informante, como da pessoa a classificar. Tipos fenotipicamente caucasóides são identificados por termos apropriados para a extremidade negra do espectro. Essas flutuações do significado dos termos raciais ocorrem em conformidade com os ditados: 'dinheiro alveja' (Harris 1956: 129) e 'negro rico é branco, branco pobre é negro' (Pierson 1942:342)". (Harris e Kottack 1, p. 204).

"Do ponto de vista funcional, a penumbra de confusão semântica em torno da identidade racial do povo de Arambepe se enquadra bem com o comportamento real das pessoas. Em nenhum ponto do seu ciclo vital constitui raça um problema vital... Há uma virtual ausência de qualquer forma de segregação ou discriminação... A ambigüidade racial representa manifestação dos padrões igualitários dominantes na pesca, atividade de que depende a vida da comunidade". (1, p. 205).

Em artigo posterior Harris estende sua interpretação às relações raciais de todo o Brasil. Acrescenta que a ambigüidade racial "claramente exclui discriminação e segregação sistemáticas. Para poder proibir os membros de um grupo de votar ou entrar numa escola ou num clube, é absolutamente indispensável haver um critério firme para estabelecer a identidade dos que devem ser segregados ou discriminados. Nos Estados Unidos, esse critério é constituído por nossa regra de descendência. Esperemos que no Brasil sempre haja confusão e que ela aumente com o tempo". (Harris 2, p. 28).

Marvin Harris ainda trata do tema da ambigüidade em artigo mais recente, do qual provém a seguinte citação. "Des-

provida de distinções de casta baseadas em identidade racial, a estrutura social brasileira não contém requerimentos práticos de existência de altos níveis de competência em relação a taxonomias raciológicas". (Harris 3, p. 12). Observe-se que este último trecho aparece na conclusão de um artigo descrevendo os resultados de uma nova pesquisa, realizada em cinco Estados do sul e do norte do Brasil.

Citações com o mesmo sentido poderiam ser multiplicadas desde a publicação, em 1956, de *Town and Country in Brazil*. Mas não convém alongar este ensaio. Limitemo-nos, por enquanto, à seguinte. "No Brasil, a pessoa, por mais escura que seja, pode mudar de categoria racial, sem mudar de residência. Basta ter sucesso econômico e alto "status" educacional". (Harris 4, p. 59).

Façamos agora um sumário do ponto de vista do Professor Marvin. 1) Existe uma certa tendência de as pessoas mais claras ocuparem posições sociais mais altas e as mais escuras posições mais baixas; 2) mas isso não implica necessariamente em racismo, pois como se depreende das citações, dinheiro e educação embranquecem, enquanto sua falta pode muito bem levar à identificação de gente aparentemente branca por "termos apropriados para os negróides"; 3) sendo raça funcionalmente irrelevante, ao menos em termos relativos, segue-se a ambigüidade dos termos raciais. (O último ponto, especialmente no artigo de 1970, também parece dirigido, por Marvin Harris, aos defensores da análise formal em etnologia.)

Trataremos depois das explicações históricas, propostas pelo mesmo autor, para as relações raciais no Brasil. Passemos agora a Gilberto Freyre. Uma publicação de 1966, *The Racial Factor in Contemporary Politics*, constitui excelente sumário, em inglês, das idéias apresentadas, mais de 30 anos antes, em *Casa-Grande & Senzala*. Aí se expressam conclusões que poderiam ter servido de base a muito do que Marvin Harris diz sobre o assunto.

Gilberto Freyre parte do uso brasileiro de "moreno", velha palavra portuguesa derivada de "mouro". Em país, como Portugal, de gente substancialmente caucasóide, "moreno" contrasta com "louro" ou "alvo". Uso parecido com o da Espanha ("moreno-rubio") e mesmo da Itália ("morenbiondo"). No Brasil — o próprio Marvin Harris, em seu artigo de 1970, fornece excelente confirmação para esse ponto de vista — o significado da palavra ampliou-se, cobrindo toda uma faixa, de indivíduos completamente negróides a outros de aparência inteiramente européia.

Gilberto Freyre raciocina, nas linhas depois seguidas por Marvin Harris, que do uso ambíguo de termos raciais (acrescenta ainda "amarelinho", com significado parecido) pode-se deduzir a pouca importância de categorias raciais para o entendimento das estruturas sociais do Brasil. "O uso atual da palavra "moreno" mostra como só um número reduzido de pernósticos, no Brasil, toma a atitude de se considerar, a si próprios ou a seus compatriotas, do ponto de vista biológico ou sociológico, brancos puros, representantes de cultura puramente européia." (Freyre 5, p. 27.)

Onde, portanto, está a contradição entre as interpretações de Marvin Harris, sobre a ambigüidade dos termos raciais no Brasil com as de Gilberto Freyre, que vem escrevendo sobre o tema, com as mesmas idéias centrais, desde o princípio da década dos trinta? Outras citações de sua obra, bem conhecida, tornam-se até desnecessárias.

A novidade de Marvin Harris se encontra na ênfase, que dá a fatores materiais-econômicos e demográficos, na origem histórica da situação brasileira. Ele é um "materialista cultural" e não há dúvidas que Gilberto Freyre destacou, no seu entendimento do Brasil, a importância do fator *ethos*. Agora, mais algumas citações parecem oportunas.

O capítulo VI de *Patterns of Race in the Americas* ataca o "mito do bom senhor de escravos". "Propostas originariamente em seu clássico estudo sobre a vida agrária

do Brasil, *Casa-Grande & Senzala*, as idéias de Gilberto Freyre, nos últimos 30 anos, praticamente não variaram. O que mais o impressiona, na escravidão brasileira, são as supostas relações humanizadas e informais entre senhores e escravas. Estas, embora sujeitas a certas inconveniências e às vezes cruelmente tratadas, desempenharam com frequência um papel importante na vida íntima emocional de seus senhores brancos. A alta taxa de miscigenação foi uma das conseqüências fundamentais dessa empatia entre as raças. Os portugueses não só tomaram negras e mulatas para amantes e concubinas, mas chegaram às vezes ao ponto de desprezar suas esposas brancas, para gozar dos favores de belezas mais foscas. Na base desse auspicioso comportamento, visível desde os primeiros contactos, encontrava-se um fato fundamental de caráter nacional: os portugueses não tinham preconceito de cor". (Harris 4, p. 66.)

Mas tal resumo, por razões que logo serão explicadas, não faz justiça ao pensamento de Gilberto Freyre. Fiquemos, por enquanto, às hipóteses do próprio Marvin Harris. Tendo em vista sua orientação teórica geral, não surpreende que se baseie no suposto fato de que "embora a grande plantação escravocrata (em todas as partes das Américas) tenha sido notavelmente semelhante em seus efeitos, independentemente dos antecedentes culturais de escravos ou de senhores, o ambiente natural demográfico e institucional, com que a escravidão se articulava, esteve muito longe de ser uniforme. É obrigação de todos, desejosos de explicar as diferenças, no relacionamento racial, entre os Estados Unidos e a América Latina, voltarem-se primeiro para essas explicações materiais". (4, p. 81.)

Em suma, o Professor Harris está convencido de que tudo não passou de uma questão de mão-de-obra, isto é, o número de europeus no Brasil era tão pequeno, que os brancos "se viram forçados a criar um grupo livre, composto de mestiços, para servir de intermediário entre senhores e escla-

vos, pois havia certas funções essenciais, de caráter econômico e militar, para as quais o trabalho escravo era inútil, e o europeu demasiadamente escasso". (4, p. 87.)

Duas observações impõem-se a esta altura. Uma, é o próprio Marvin Harris, não desconhece o fato, os mestiços em posições intermediárias seriam, no princípio da colonização, antes mamelucos do que mulatos. A segunda toca num ponto crucial. As condições demográficas *poderiam* explicar o Brasil colonial. Suponhamos, para raciocinar, que expliquem. Seguem-se então algumas conclusões desagradáveis para o autor americano.

O único objetivo dos seus artigos é explicar as atuais condições raciais do Brasil. Usando sua própria lógica, pode a situação de hoje ser entendida a partir da dos tempos coloniais? Nenhum problema, nenhuma dificuldade, para os que admitem uma interrelação entre condições demográficas e econômicas, de um lado, e estruturas éticas e ideológicas, de outro. Eles simplesmente diriam que a situação demográfica do período colonial contribuiu para a ausência de castas raciais e esta, por sua vez, de tal modo teria influenciado o comportamento brasileiro que hoje, quando a quantidade de brancos no país, em números absolutos e relativos, é superior à da África do Sul ou à do Mississipi, ainda assim o Brasil não instituiu, diferentemente dessas outras áreas, um sistema de castas.

O Professor Harris fica, portanto, com o dilema ou de ter que admitir que fatores éticos e históricos desempenham, afinal de contas, um papel importante, ou de não ter explicação alguma para a situação brasileira atual. Pois as antigas condições demográficas (basta pensar na imigração de europeus nos últimos 100 anos) não existem mais.

Quem as conhecesse apenas por citações em outros autores poderia ter algumas surpresas a respeito das interpretações propostas por Gilberto Freyre, que absolutamente

não diminui a importância de causas econômicas e demográficas. "No Brasil, as relações entre os brancos e as raças de cor foram desde a primeira metade do século XVI condicionadas, de um lado pelo sistema de produção econômica — a monocultura latifundiária; do outro pela escassez de mulheres brancas entre os conquistadores." (Freyre 6, p. 23.) A *Introdução à Casa-Grande & Senzala* dá tanta importância a fatores econômicos e demográficos, que se pode perceber os motivos porque alguns críticos consideraram seu autor marxista.

Ele nunca negou o papel dos sistemas das grandes plantações na origem dos padrões sociais e raciais do Brasil. "As circunstâncias americanas é que fizeram do povo colonizador de tendências menos rurais ou, pelo menos, com o sentido agrário mais pervertido pelo mercantilismo, o mais rural de todos." (6, p. 32.) Traços do *ethos* brasileiro ligam-se a fatores tecnológicos. "Compreende-se que os fundadores da lavoura de cana no trópico se tivessem impregnado, em condições de meio físico tão adversas a seu esforço, do preconceito de que 'trabalho é só para negros'." (6, p. 333.)

Mas nem Gilberto Freyre pretende explicar tudo por fatores tecnológicos e ambientais, nem se quer insinuar aqui que ele pretendeu. Há, em *Casa-Grande & Senzala* e outros livros do mesmo autor, uma ênfase forte dada ao *éthos* ou caráter português. Note-se bem que isso nada tem a ver com "mitos do bom senhor de escravos". Não se segue que as relações entre senhores e escravos, no Brasil, fossem idílicas. Em seu próprio resumo das idéias do autor brasileiro, Marvin Harris se refere ao tratamento às vezes cruel dispensado ao negro escravo no Brasil.

Para Gilberto Freyre, a escravidão no Brasil se caracterizou pela ausência de uma concepção apenas instrumental ou simplesmente econômica no contacto entre brancos e negros. O *ethos* português, pelo menos nesse aspecto, parece ter se conservado próximo da visão medieval da cristandade

constituída por homens de todas as etnias, basicamente iguais desde que igualmente batizados. Sem que isso — e a história concreta dos povos se move entre contradições — excluísse desigualdades sociais ou a exploração econômica de gente de uma raça por gente da mesma raça ou de outra. Mas desigualdades e explorações atenuadas, embora não eliminadas, pelo sentimento da igualdade básica.

Marvin Harris cita o seguinte parágrafo: "A singular predisposição dos portugueses à colonização híbrida e escravocrata dos trópicos explica-se em grande parte pelo passado étnico ou melhor ainda, pelo passado cultural de um povo que existindo indeterminadamente entre a Europa e a África, não pertencia decididamente a nenhum dos dois continentes." (Freyre 7, p. 4 in Harris 4, p. 66.)

Mas isso nada tem a ver com o "mito do bom senhor". A passagem simplesmente afirma que os portugueses, enquanto povo ou cultura, apesar, como se sabe, de terem sido senhores de escravos, não demonstraram aversão por raças de cor; afirma ainda que pelo seu caráter esse povo se distinguiu de outros povos do ocidente da Europa, possuindo capacidade especial para tratar, em vários tipos de situações, com povos não europeus e misturar-se com eles. A análise do caráter português e sua história escapam ao âmbito deste artigo. Gilberto Freyre parece absolutamente correto, entre outras coisas, ao salientar a influência do catolicismo medieval nos contactos inter-étnicos dos portugueses. É interessante observar como Eric Wolf, outro antropólogo americano, colega de Marvin Harris e como ele "materialista", manifesta opiniões muito na linha de *Casa-Grande & Senzala*, quando destaca, a propósito da formação do México, o papel, no *ethos* tradicional e medieval do catolicismo, das idéias da igualdade fundamental de todos os homens, independentemente de raça ou etnia (Wolf 8).

Infelizmente, o excelente estilo de Gilberto Freyre parece constituir obstáculo para sua exata compreensão. Sirva de exemplo a seguinte passagem: "A respeito de relações ra-

ciais, a situação brasileira é provavelmente a que mais se parece com o paraíso, de todas que existem no mundo". (Freyre 9, p. 9 in Harris 4, p. 60).

Esse trecho foi objeto da seguinte crítica: "Os que consideram o Brasil um 'paraíso racial' devem lembrar-se que esse paraíso só está ocupado por criaturas imaginárias. Os homens e mulheres da Bahia só pertencem a 'raças' na medida em que se pode dizer que qualquer grupo de seres humanos possui uma identidade racial objetiva". (Harris 4, p. 64.) Mas o mesmo crítico mostra, apesar disso, que nem sempre desdenha de tais graças escatológicas de estilo. Menos de sete linhas abaixo, acrescenta: "A identidade racial é suave e imprecisa no Brasil, enquanto nos Estados Unidos representa, para milhões de pessoas, um passaporte para o inferno".

Façamos agora um resumo final. 1) No que diz respeito à atual situação do Brasil, Marvin Harris concorda com as opiniões de Gilberto Freyre. Nega a existência de castas raciais; salienta a ambigüidade de categorias verbais, das quais enumera dúzias, de acordo com sua última estatística. 2) De acordo com Gilberto Freyre, Marvin Harris destaca a importância, no período colonial, do sistema das grandes plantações e do fator demográfico. 3) Porém Marvin Harris, rejeitando explicações históricas, nada diz sobre se é possível conciliar as condições demográficas do Brasil atual com um sistema ideológico devido a outras circunstâncias de população e ambiente. 4) Gilberto Freyre vai adiante ao postular, além de fatores apenas tecnológicos, ambientais e demográficos, a influência do *ethos* português, que nada tem a ver com o "mito do bom senhor".

Pode-se portanto concluir que a caracterização das relações raciais no Brasil, feita por Marvin Harris, com a ênfase que dá ao conceito de ambigüidade, em nada contradiz a obra de Gilberto Freyre sobre relações raciais no Brasil. Ao contrário, confirma, em muitos conceitos e teorias, do que está dito nesta última.

Referências Bibliográficas

- 1 — HARRIS, Marvin & KOTAK, Conrad. The structural significance of Brazilian racial categories. *Sociologia*, São Paulo, 25(3):203-9, set. 1963.
- 2 — HARRIS, Marvin. Racial identity in Brasil. *Luso-Brazilian Review*, Wisconsin, 1:21-8, 1964.
- 3 — HARRIS, Marvin. Referential identity in the calculus of Brazilian racial identity. *Southwestern Journal of Anthropology*, New Mexico, 26(1):1-14, 1970.
- 4 — HARRIS, Marvin. *Patterns of race in the Americas*. New York, Walker, 1964.
- 5 — FREYRE, Gilberto. *The racial factor in contemporary politics*. London, Mac Gibbon & Kee, 1966.
- 6 — FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala; formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal*. 7 ed. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1952. 2v.
- 7 — FREYRE, Gilberto. *The masters and the slaves*. New York, A. Knopf, 1956.
- 8 — WOLF, Eric. *The sons of shaking earth*. Chicago, University of Chicago Press, 1959.
- 9 — FREYRE, Gilberto. *New world in the tropics*. New York, A. Knopf, 1963.